



Wolfgang Tillmans (3 vol.)
Wolfgang Tillmans
 Taschen, 30€

Dizem que é um dos herdeiros de Nan Goldin, porque sem o submundo que ela fotografou talvez Wolfgang Tillmans não existisse. Talvez. Difícil também é não ver nele um pouco de Larry Clark – esse mesmo, realizador de *Kids*, que antes de fazer cinema já tinha um extenso trabalho como fotógrafo. Existe em ambos o fascínio pela juventude e pelo corpo, a exibição do homoerotismo e a descoberta da cultura de rua.

Até hoje, vi-lo poucas vezes em Portugal, muitas mais no entanto do que outros contemporâneos da mesma linhagem (Hedi Slimane ou Slava Mogutin). Está representado, com 24 obras, no acervo da Fundação Ellipse, em Alcoitão, e daí que tenha sido exibido em 2006 na exposição colectiva que inaugurou aquele espaço. Depois, em 2008, na colectiva "Young At

Venham ver a beleza da juventude

Bruno Horta passou a semana a olhar para fotografias de Wolfgang Tillmans.



Heart (Remix)", no Centro Cultural de Cascais. E no ano passado em "The Last First Decade", também na Ellipse.

Quem o quiser levar para casa tem agora uma edição da Taschen, simplesmente intitulada *Wolfgang Tillmans*. Mais não é do que a



junção numa só caixa de três livros que a editora deu à estampa nos últimos anos: *Wolfgang Tillmans* (1995), *Burg* (1998) e *Truth Study Center* (2005).

A caixa tem o valor de uma síntese eficaz e permite aos mais distraídos começar a descobrir a

obra – que, regra geral, é profundamente gay. Gay no sentido em que mostra uma determinada maneira de estar, uma identidade, associada à homossexualidade masculina.

Não há o *glamour* do erotismo, nem o lusco-fusco dos corpos nus. É tudo explícito e, nesse sentido, como o próprio gosta de classificar, é tudo político.

Tillmans nasceu em 1968 em Remscheid, perto de Düsseldorf, na Alemanha. E vive em Londres desde 1998. Nos três livros agora publicados, mostra-nos os restos da cultura punk e o início da cultura das discotecas e das *rave parties*, assim como a vida comunitária de uma juventude alternativa, em vésperas do individualismo das redes sociais na internet.

"Sempre me interessei por estilos de vida não formatados, que funcionam ao abrigo do controlo e do mercado", resumia o fotógrafo na revista *Frieze*, em 2008. "Sei que o amor livre, o tempo livre e as formas livres de diversão são cada vez mais escassas, mas vale a pena defendê-las contra a sociedade atomizada e privatizada."

Tillmans rejeita que as suas fotos sejam autobiográficas e prefere nunca dizer se são encenadas. Não importa se reproduzem ou não a realidade, desde que sejam honestas, costuma dizer.